

# Concentração espacial de fábricas de cutelaria em Arroio Grande – Santa Maria-RS: uma abordagem locacional

**Anderson Mendes Rocha**

Universidade Federal de Santa Maria

**Carmen Luyara Canabarro Leal**

Universidade Federal de Santa Maria

p. 547– 560

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/90066>

## Como citar:

ROCHA, A. M.; LEAL, C. L. C. Concentração espacial de fábricas de cutelaria em Arroio Grande – Santa Maria-RS: uma abordagem locacional. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 547-560, 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

revista

Geo   
USP

espaço e tempo

Volume 18, nº 3 (2014)

ISSN 2179-0892

# Concentração espacial de fábricas de cutelaria em Arroio Grande – Santa Maria-RS: uma abordagem locacional

---

## Resumo

Este artigo discute a concentração de fábricas de cutelaria do distrito de Arroio Grande, no município de Santa Maria-RS, a partir do enfoque locacional e das teorias de localização industrial. Procura caracterizar o objeto de estudo em suas temporalidades, para identificar os fatores locacionais que favoreceram a concentração das fábricas no referido distrito. O estudo baseia-se na contribuição metodológica de Lefebvre (1978) e Santos (1979) e também nas discussões sobre localização industrial encontradas principalmente em Manzagol (1985), Corrêa (1986) e Braga (2008).

**Palavras-chave:** Cutelaria. Concentração espacial. Abordagem locacional. Localização industrial.

---

## Spatial concentration of factories of cutlery in Arroio Grande – Santa Maria-RS: a locational approach

---

### Abstract

This article intends to perform an analysis about the concentration of factories of cutlery, located in the district of Arroio Grande, in Santa Maria/RS, based on the discussion concerning the locational approach and the theories of industrial location. The article aims to characterize the object of study in their temporalities, in order to identify the locational factors that favored the concentration of the factories in the district concerned. This study is based on the methodological contribution of Lefebvre (1978) and Santos (1979) and also in the discussions on industrial location found mainly in Manzagol (1985), Corrêa (1986) and Braga (2008).

**Keywords:** Cutlery. Spatial concentration. Locational approach. Industrial location.

---

1 Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Santa Maria, em 2012, sob a orientação e coordenação do Prof. Dr. Eduardo Schiavone Cardoso. Reconhecemos a importância de suas contribuições na pesquisa e na elaboração do presente artigo. Agradecemos ainda o auxílio da UFSM na forma de concessão de bolsa no programa Fundo de Incentivo à Pesquisa (Fipe).

## Introdução

Santa Maria, município com pouco mais de 261 mil habitantes localizado na Região Central do Rio Grande do Sul, apresenta um território marcado pela transição entre compartimentos geomorfológicos bastante distintos – ao norte, as escarpas que marcam a passagem para os planaltos da Bacia do Paraná e, ao sul, a Depressão Central do estado gaúcho. Seus 1.788,121 km<sup>2</sup> se espriam entre escarpas, morros e coxilhas levemente onduladas, que se diferenciam administrativamente em um distrito sede com uma urbanização quase contínua e os nove demais distritos: Arroio do Só, Arroio Grande, Boca do Monte, Pains, Palma, Passo do Verde, Santa Flora, Santo Antão e São Valentin.

A economia do município se configura por uma determinada divisão territorial do trabalho: concentração das atividades do setor secundário e terciário na área urbana e predominância de atividades do setor primário em seu entorno rural. Dada a importância de seu setor terciário, o meio urbano do distrito sede porta uma centralidade que extrapola os limites dos outros nove distritos, alcançando uma influência regional no estado.

Nesse sentido, uma caracterização mais genérica colocaria o município nos termos da dicotomia cidade/campo, a primeira sobreposta ao distrito sede e o segundo abrangendo os nove demais distritos.

Contudo, essa classificação genérica sobre os nove referidos distritos esconde inúmeras especificidades que merecem análise detida. No caso do distrito de Arroio Grande, tais especificidades se revelam a partir de um arranjo espacial heterogêneo, tecido através da conjunção de elementos referentes ao campo e à cidade. Observa-se no local, além dos cultivos agrícolas e da pecuária, atividades voltadas para o setor de lazer, áreas com piscicultura e uma pequena aglomeração industrial – escopo desta pesquisa.

A partir da retomada do debate acerca do enfoque locacional em geografia e das teorias de localização industrial, o presente artigo objetiva realizar uma análise que desvende os fatores locacionais que concorreram para a concentração das fábricas de cutelaria no distrito de Arroio Grande – Santa Maria-RS. Para isso, a pesquisa necessitou, além de um arcabouço teórico e metodológico específico, coletar dados primários e secundários sobre as empresas, o distrito e o município – os primeiros foram obtidos a partir de entrevistas junto aos gerentes ou proprietários das empresas em questão.

## Caracterização do conjunto empresarial

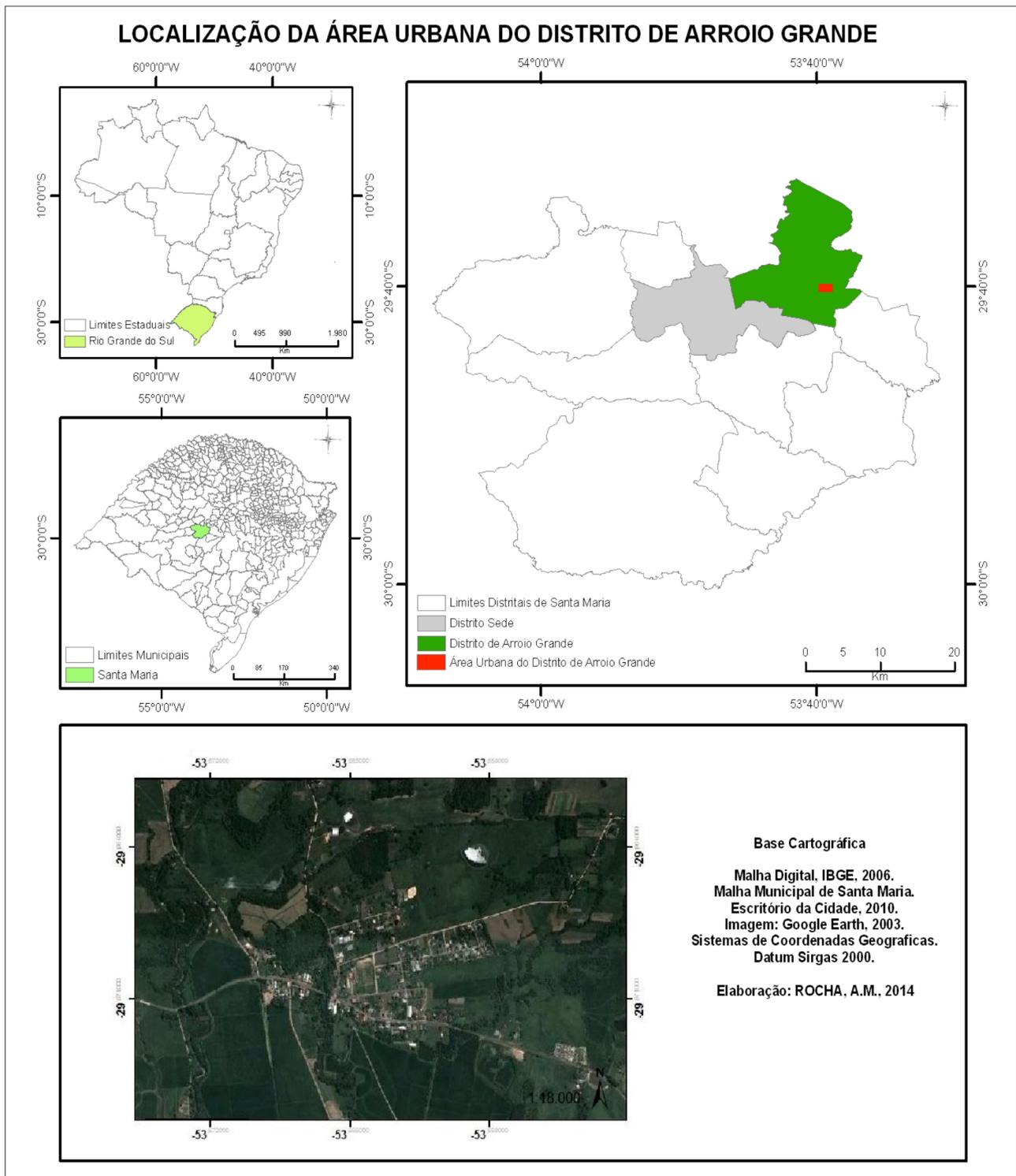
O distrito de Arroio Grande compreende uma área de 130,71 km<sup>2</sup> e uma população de cerca de 2.700 habitantes (IBGE, 2010). Desse total, aproximadamente 400 moradores residem no povoado que caracteriza a área central e urbana do distrito. É nesta área que se encontra o conjunto de fábricas de artefatos de cutelaria – objeto deste estudo.

Antes de caracterizar essas empresas,<sup>2</sup> cabe destacar que o distrito em questão localiza-se a nordeste do distrito sede do município de Santa Maria-RS. O terreno onde fica o município comporta a transição geomorfológica já referenciada, a qual definiu os principais eixos de circulação leste-oeste e norte-sul que ligam o município com diferentes regiões do estado e com o país. A Figura 1 apresenta a localização da área urbana do distrito de Arroio Grande, onde estão estabelecidas, com estreita proximidade na paisagem, as referidas fábricas.

<sup>2</sup> O nome das empresas foi omitido para preservar a privacidade dos empresários entrevistados e de suas respectivas empresas. Assim, elas são referidas como empresa A, empresa B, empresa C, empresa D e empresa E.

**Figura 1**

**Mapa de localização da área urbana do distrito de Arroio Grande, Santa Maria-RS**



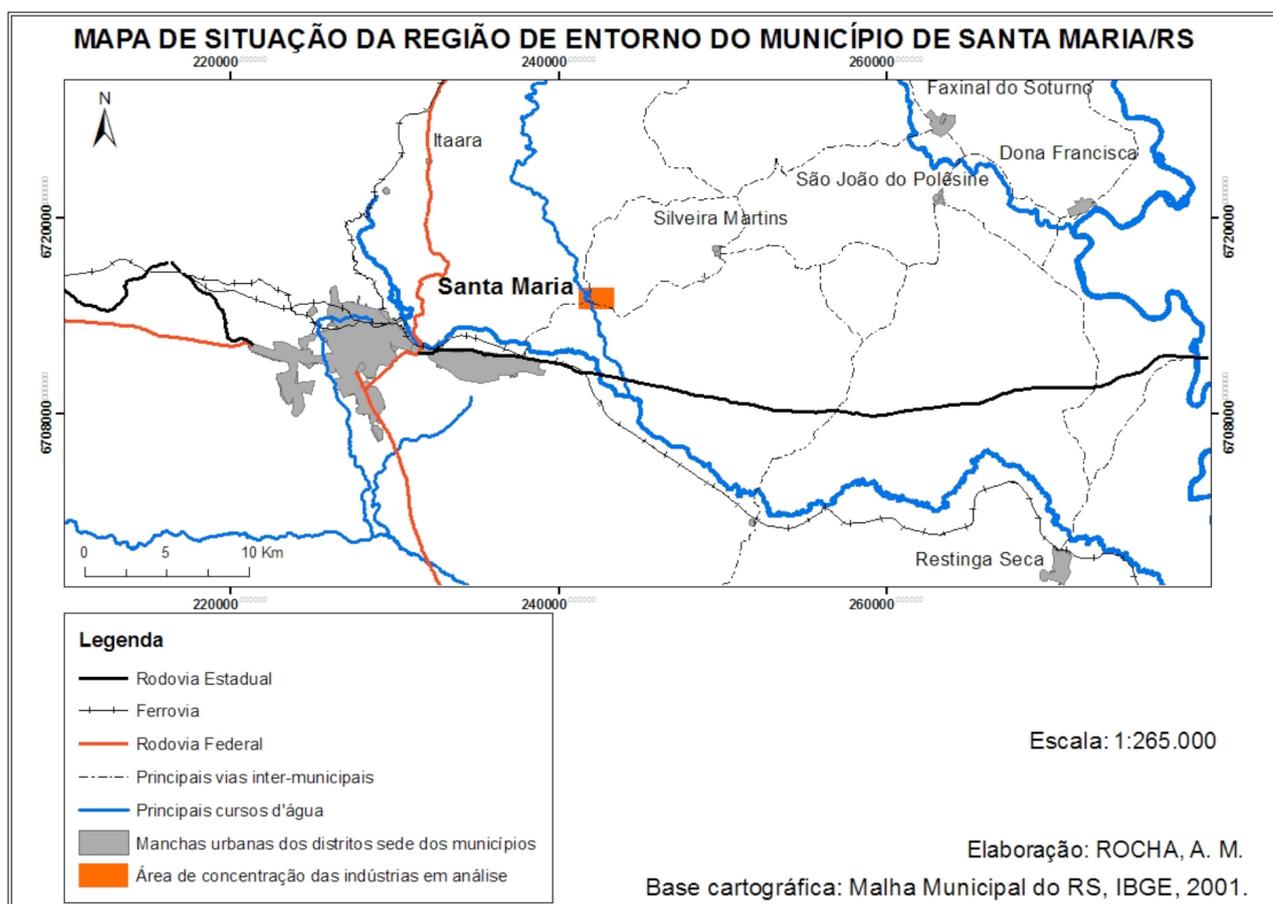
A área urbana do distrito de Arroio Grande compreende sua sede administrativa. Esse local apresenta um adensamento de serviços e de residências. A paisagem do local é caracterizada pelos seguintes elementos: a pequena vila, o posto médico, o posto policial, o bar da esquina, os restaurantes, o salão de festas, a subprefeitura, a igreja, as fábricas de cutelaria etc. (Luther, 2005).

O restante do distrito comporta características tipicamente rurais. Apresenta baixa concentração de casas, criação de gado e lavouras, áreas com piscicultura, balneários e chácaras utilizadas unicamente para lazer. Assim, conforme Luther (2005, p. 50), “na atualidade, o território rural assume múltiplas funções, como lazer, turismo, para trabalhadores urbanos, ou prestadores de serviço no comércio e na indústria”.

Através do distrito de Arroio Grande se acessa o município de Silveira Martins, situado já no planalto, e que é considerado o berço da Quarta Colônia de Imigração Italiana, estabelecida no último quartel do século XIX (Figura 2). Desse caminho, pela estrada que passa pelo Arroio Grande, é possível conectar o município de Santa Maria com Silveira Martins e também com os seis demais municípios originários desse processo de colonização, situados tanto no planalto quanto nas áreas de encosta ou nos terrenos baixos e planos das bacias hidrográficas do rio Vacacaí-Mirim e do baixo curso do rio Jacuí.

## Figura 2

### Mapa de situação da região leste do município de Santa Maria-RS



fonte: Anderson Mendes Rocha.

Cirilo Costa Beber, em sua obra intitulada *Santa Maria 200 anos: história da economia do município*, demonstra que o município de Santa Maria nunca se apresentou como uma pujante aglomeração industrial. “Em Santa Maria, no século XIX, predominou a produção primária e, no século XX, a terciária (comércio e prestação de serviços)” (Beber, 1998, p. 235).

O setor secundário ainda hoje apresenta reduzido número de indústrias com baixa circulação de capitais frente à representatividade dos demais setores da economia do município (Ferro, 2008).

Segundo a Agência de Desenvolvimento de Santa Maria (Adesm)<sup>3</sup> as indústrias localizadas no município no ano de 2012 totalizavam 572 estabelecimentos, gerando mais de 6 mil empregos diretos. O PIB do setor secundário em 2009 era de R\$ 494.982,70 – correspondendo a 14,32% do PIB total do município de Santa Maria (Adesm, 2012).

A aglomeração industrial presente no distrito de Arroio Grande é composta por seis empresas familiares<sup>4</sup> de confecção de facas e demais artefatos de cutelaria. Deste total, cinco serão objeto de análise por situarem-se muito próximas e também próximas ao núcleo central do distrito. As mercadorias produzidas pelas referidas fábricas são instrumentos metálicos de corte como facas, facões, garfos, chairas<sup>5</sup> etc. Sendo artefatos muito utilizados em diversas culturas – como a dos gaúchos da região Sul do Brasil – e, além disso, também como instrumentos de cozinha em outras regiões do país, os mercados para a atividade de cutelaria mostram-se amplos e diversificados.

Em conjunto, os cinco estabelecimentos empregam diretamente cerca de noventa trabalhadores na produção, sem contabilizar a administração e os empregos indiretos gerados. O mercado em que atuam tem alcance nacional e atualmente avança em direção a outros países da América Latina e da Europa. Apesar disso, ele se concentra na região Sul do Brasil pela existência de uma demanda de facas artesanais associada às características culturais do estado – a faca é artefato essencial na cultura do gaúcho. A relação espacial entre insumos e mercados está explicitada no Quadro 1.

## Quadro 1

### Localização espacial de insumos e mercados das empresas em análise

| empresa   | locais de compra de insumos | mercados                        |
|-----------|-----------------------------|---------------------------------|
| empresa A | RS e MG                     | região Sul do Brasil            |
| empresa B | SP; RS; e PR                | Brasil                          |
| empresa C | RS e SP                     | região Sul, MT e SP             |
| empresa D | RS e SP                     | regiões Sul e Nordeste          |
| empresa E | sem informação              | Brasil, América Latina e Europa |

Organização: Anderson Mendes Rocha.

As empresas têm características diferentes no que se refere a suas mercadorias, apesar de todas produzirem os mesmos artefatos. Essa realidade se configura a partir do mercado em que atuam. No ramo das cutelarias, o mercado tem particularidades regionais e

3 A Agência de Desenvolvimento de Santa Maria (Adesm) disponibilizou dados atualizados sobre o município num projeto intitulado Santa Maria em Dados.

4 Entende-se por empresa familiar aquela que tem as seguintes características: “seu início deve ter contado com a participação de um membro da família, os familiares devem estar presentes na direção e possuírem um vínculo com a propriedade [...] e deve ser observado o fator hereditário” (Leone, 1992 apud Bianchini, 2005, p. 27).

5 Chairas são instrumentos de aço utilizados para afiar facas. Têm uma estrutura de aço roliça acompanhada de um cabo, que pode ser de diferentes materiais, são amplamente utilizados no Rio Grande do Sul e geralmente acompanham a faca.

varia também conforme as sazonalidades. Assim, “os cabos, as lâminas, a têmpera, o revenimento, a flexibilidade e a ductilidade necessitam se adaptar à região onde o cliente se situa” (Bianchini, 2005, p.120).

Por isso, as diferenças nas estruturas destas empresas revelam também os diferentes mercados em que elas atuam. Enquanto algumas se caracterizam por uma produção essencialmente personalizada, como é o caso da empresa C, outras têm produção com maior escala, como as empresas A e E. As diferentes configurações das empresas podem ser observadas pelo número de trabalhadores empregados na produção (Quadro 2).

## Quadro 2

### Trabalhadores das fábricas empregados diretamente na produção

| empresa   | número de empregados na produção |
|-----------|----------------------------------|
| empresa A | 22                               |
| empresa B | 26                               |
| empresa C | 4                                |
| empresa D | 22                               |
| empresa E | 20                               |

Organização: Anderson Mendes Rocha.

Outro aspecto importante que merece destaque é a terceirização do processo produtivo por parte de determinadas empresas. Observa-se que algumas delas trabalham em conjunto com empresas terceirizadas, comprando cabos, bainhas e outras peças. Enquanto isso, as demais têm capacidade para produzir tais peças, não necessitando comprá-las de terceiros. Por outro lado, distinguindo-se das demais fábricas, uma das empresas produz artefatos de cutelaria para três outras marcas de diferentes localidades do país.

Em aspectos gerais, os processos produtivos são semelhantes nas empresas em análise. Eles se configuram dos diversos setores responsáveis por cada etapa da produção da mercadoria. Os trabalhadores se distribuem entre elas, especializando-se em uma das tarefas. As principais etapas são: cartelagem, vazamento, têmpera e revenimento e montagem e manutenção.

Na cartelagem, primeira etapa do processo produtivo, o aço é cortado no formato da peça que será a lâmina do produto. Durante a etapa de vazamento o aço formatado é afiado. Na terceira etapa, chamada têmpera e revenimento, a peça recebe um tratamento de endurecimento. Finalmente, na última etapa, a peça recebe os acabamentos finais, feitos manualmente, e é encaixada num cabo que pode ser de diferentes materiais.

Com ênfase na matéria-prima utilizada na produção, podemos destacar aquelas que são comuns a todas as empresas e outras que são particulares de cada marca. No primeiro caso, destacam-se aço, chifre e osso. Já no segundo, bronze, couro, madeira, polietileno e resina.

As empresas não têm relacionamentos ligados a estratégias de atuação conjunta no mercado. Em vez disso, como algumas empresas são dirigidas por parentes ou velhos amigos de dirigentes de outras empresas, são observadas demonstrações de cooperação em certas situações. Como exemplo disso, o dono de uma das empresas relata casos de empréstimos de matéria-prima, quando a empresa de outro está necessitando.

Finalmente, após analisarmos as características deste conjunto de empresas pertencentes ao mesmo setor e localizadas com estreita proximidade no território, parece evidente que se trata de uma aglomeração industrial. Embora de pequeno porte, esse fenômeno espacial desperta a curiosidade de qualquer observador atento: Como e por que ocorreu essa concentração industrial? Há algum fator locacional que justifique essa realidade?

## **Enfoque locacional e teorias de localização industrial**

A escolha de uma localização depende de determinadas condições que se distribuem desigualmente pelo espaço. Esse conjunto de variáveis espaciais recebe o nome de fatores de localização<sup>6</sup> e seu estudo, com o objetivo de compreender localizações individuais ou a organização espacial, é denominado enfoque locacional, ou estudo locacional. Em síntese, este pode ser descrito como “a procura de resposta para a questão central: por que o homem e suas atividades estão localizados do modo como estão?” (Corrêa, 1986, p. 62). Mais especificamente, em um estudo locacional deve-se buscar compreender “não só a distribuição espacial das atividades econômicas [...], mas igualmente as relações internas e externas à produção” (Braga, 2008, p. 167).

O conjunto de teorias elaboradas a partir de regularidades apontadas por esses estudos recebe o nome de teoria de localização. Ela divide-se em localização agrícola, localização industrial e localização de serviço, uma vez que os fatores locacionais são diferentes para cada caso (Lau-suén, 1974). Todavia, é necessário ressaltar que os estudos locacionais e a tentativa de elaborar modelos e teorias de localização precedem a geografia e até mesmo o meio acadêmico.

Roberto Lobato Corrêa (1986), em artigo que resgata a historiografia do enfoque locacional, demonstra que a questão locacional passa a ganhar importância com a emergência do modo de produção capitalista. O crescente reconhecimento, pela classe dominante, da relevância da localização explica as primeiras tentativas de análises locacionais.

Elaborados por indivíduos ligados ao mundo dos negócios, esses primeiros estudos datam o período que vai do século XVIII até o início do século XIX. “A localização passou a ter enorme significado quando passou a representar um dos elementos que influenciava os custos e os lucros e, portanto, a capacidade de sucesso de um capitalismo concorrencial” (Corrêa, 1986, p. 62).

No início do século XIX, em um cenário de mudanças substanciais no modo de produção capitalista, a questão locacional ganha maior evidência. Os intelectuais deste período encontravam-se “impressionados com a amplitude das transformações suscitadas pela revolução industrial nos modos e na base de produção” (Manzagol, 1985, p. 21). Não obstante, somente a partir de 1870, com a segunda Revolução Industrial e o início da fase imperialista do capitalismo, o enfoque locacional ganha espaço no meio acadêmico (Corrêa, 1986).

Durante o período de 1870 até 1920, o enfoque locacional aparece na economia e na sociologia, mesmo que marginalmente. Nessa época, expressivos estudos sobre a localização são produzidos, cuja importância se estenderia para além de seu tempo. Merecem destaque os trabalhos de Weber e Lösch no âmbito da economia espacial burguesa e de Park na Escola de Ecologia Humana, na sociologia (Corrêa, 1986).

<sup>6</sup> Com relação aos fatores de localização industrial, Ferrari (1986, p. 370) os define como “forças de atração ou repulsão que atuam no sentido de determinar a localização mais econômica das atividades produtivas no sentido de concentrar ou dispersar a atividade industrial dentro do espaço físico-territorial”.

Na geografia, o enfoque locacional só cria raízes a partir de 1920 com o emergir da geografia econômica (Corrêa, 1986). Além disso, nesta mesma época, na esfera do sistema de planejamento também começam a ser consideradas questões locais. Assim, é “a partir da discussão interna à geografia e dentro da prática de seus profissionais” que o enfoque locacional ganha forma na geografia (Corrêa, 1986, p. 64).

A posição marginal concedida ao enfoque locacional, nas ciências humanas, iria rapidamente reverter-se a partir dos anos 1950. “Após a Segunda Guerra Mundial, o espaço, há tanto tempo ignorado, suscitou um interesse crescente” (Manzagol, 1985, p. 33). De acordo com Corrêa (1986), isso se deve à expansão capitalista que ocorria no pós-guerra.

No âmbito da Geografia, a partir de 1955, o enfoque locacional ganha força e alcança seu apogeu, que se manteria até a década de 1970. Durante esse período, a característica ímpar do enfoque locacional na Geografia estava na junção de elementos de duas fontes distintas: a Escola de Ecologia Humana e a economia espacial burguesa (Corrêa, 1986).

Em sua *Lógica do espaço industrial*, Manzagol (1985) demonstra que as transformações observadas no espaço industrial suscitaram interesse crescente dos geógrafos. O autor, com relação às teorias de localização industrial, distingue quatro correntes de pensamento: neoclássica, comportamental, estruturalista-marxista e sistêmica. Entre essas, sem desconsiderar a importância das demais, destacam-se as abordagens estruturalista-marxista e sistêmica (Manzagol, 1985).

Enquanto a primeira (um modelo de tensão) é caracterizada por focalizar os conflitos e confrontos reveladores das lógicas e estratégias, a segunda (um modelo de equilíbrio) se detém em análises detalhadas dos mecanismos de funcionamento, sem questionar os fins e os meios (Manzagol, 1985, p. 228).

Em um estudo mais atual, Braga (2008) faz uma série de apontamentos acerca das perspectivas e tendências para o enfoque locacional no capitalismo contemporâneo. Ele atenta para existência de duas características fundamentais: “o inegável papel da informação em todos os setores” e a “ênfase no poder econômico em escalas locais e regionais” (Braga, 2008, p. 173).

## **Da complexidade vertical à concentração espacial**

A partir de Henri Lefebvre é possível reconhecer a existência “de uma dupla complexidade da realidade social: a horizontal e a vertical” (Martins, 2000, p. 119). Essa dupla complexidade, verificada no mundo agrário e exposta em artigo que Lefebvre discute as perspectivas da sociologia rural, corresponde à presença de formações e estruturas agrárias da mesma idade, porém distintas (complexidade horizontal), coexistindo com outras de idades distintas (complexidade vertical). No mesmo texto o autor apresenta sua proposta metodológica para o entendimento dessas realidades, que se constitui de três procedimentos: descritivo; analítico-regressivo; histórico-genético (Lefebvre, 1978, p. 71).

No primeiro momento do método, em que se analisa a horizontalidade, cabe ao pesquisador uma descrição do visível, sem a consideração da categoria tempo (Martins, 2000, p. 120). No segundo momento, intitulado analítico-regressivo, em que se inicia a análise da complexidade vertical da realidade social, “cada relação social tem sua idade e sua data, cada elemento da cultura mate-

rial e espiritual também tem sua data” (p. 120). Por fim, no terceiro momento, chamado histórico-genético, volta-se ao presente através da análise da dinâmica das contradições. “A volta à superfície fenomênica da realidade social elucida o percebido pelo concebido teoricamente e define as condições e possibilidades do vivido” (p. 121).

Portanto, após a descrição do distrito e da aglomeração industrial, se torna necessário adentrar na complexidade vertical da análise, que compreende a segunda etapa do método proposto por Lefebvre (1978). Nesse momento, acredita-se ser possível perceber e destacar os fatores locacionais que favoreceram o estabelecimento das fábricas no distrito em questão.

É importante ressaltar que os fatores locacionais variam no tempo, conforme as mudanças na organização espacial. Com isso, é fundamental que tais fatores sejam analisados como variáveis e não apenas como elementos. Visto que é por meio da categoria tempo que elementos tornam-se variáveis (Santos, 1979, p. 91), a dimensão temporal parece se tornar parte substancial dos estudos locacionais.

Para Santos (1979, p. 42):

Existe, indubitavelmente, consenso acerca da afirmativa de que os homens e suas atividades não se acham em sua presente localização exclusivamente pela interação de fatores atuais. Uma localização presente muitas vezes resulta, direta ou indiretamente, de fenômenos que deitaram raízes previamente. É por isso que o estudo de localizações individuais, assim como o estudo da organização do espaço, não pode passar por cima da dimensão temporal.

No distrito de Arroio Grande, a origem da atividade de cutelaria remonta para descendentes de imigrantes italianos que lá se estabeleceram no final do século XIX. Segundo Beber (1998, p. 236), a chegada dos imigrantes na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana implicou no surgimento de novas indústrias na região.

Na década de 1940, os seguintes fatores locacionais permitiram o início da produção de facas no distrito: (a) a demanda por facas de qualidade aumentava no Rio Grande do Sul; (b) a presença de matérias-primas, especialmente o aço obtido pelo aproveitamento de resíduos da atividade ferroviária, dada a proximidade com a Estação Colônia, atual bairro de Camobi, limite nordeste do distrito sede de Santa Maria; e (c) o fluxo de pessoas que passava pela região, devido à rede de caminhos estabelecida no local e aos pontos de parada de viajantes e comerciantes.

O sucesso da atividade de cutelaria, que foi iniciada no distrito por um antigo ferreiro habitante do local, propiciou o surgimento de duas outras fabriquetas<sup>7</sup> na região, também dedicadas à cutelaria. As três fabriquetas produziam com métodos completamente artesanais e não tinham o registro de suas marcas específicas. Elas produziam mercadorias com o design bastante próximo ao de uma marca belga<sup>8</sup> que era bastante conhecida no estado naquele período.

7 Consideramos fabriquetas as instalações fabris sem marca registrada e que geralmente têm um único trabalhador, que é também o dono do estabelecimento.

8 Atualmente, a patente da marca pertence a uma das empresas localizadas no distrito de Arroio Grande. Tendo sido uma das fábricas em análise no presente estudo, omitimos seu nome.

Essa realidade iria se transformar a partir do ano de 1964, quando o proprietário de uma das três fabriquetas compra a patente da referida marca de tradição no mercado. Com efeito, as duas outras fabriquetas necessitaram abandonar a produção destas imitações e, com isso, criaram e registraram suas próprias marcas. É importante, no entanto, ressaltar que as atividades das outras duas empresas, mesmo com novas marcas, só tiveram continuidade devido à existência de um nicho de mercado de facas artesanais, ligado à cultura regional do Rio Grande do Sul.

Os fluxos referentes às fábricas do distrito se concentravam predominantemente na escala local: as matérias-primas eram obtidas localmente, assim como grande parte de seu mercado se limitava à escala do município (vendas a varejo no distrito ou no município). Esses fluxos só extrapolavam a escala municipal por meio de revendedores que, utilizando-se de automóveis, comercializavam em outras regiões do Rio Grande do Sul as mercadorias produzidas pelas empresas do distrito.

Nas décadas de 1970-80, observa-se a consolidação e expansão do raio de atuação das primeiras empresas do distrito para além do mercado local e regional. Tal fato foi propiciado pelo incremento da circulação, a partir da abertura e melhoria das rodovias, possibilitando também o estabelecimento de novas fábricas de cutelaria na região. É necessário ressaltar, no entanto, que algumas das fábricas, que surgem nesse movimento de expansão, se estabeleceram em outras localidades – no município ou mesmo fora dele.

Esses novos estabelecimentos têm origem semelhante, uma vez que todos são empreendimentos de antigos trabalhadores das primeiras fábricas do distrito. Dentre esses novos estabelecimentos, distinguem-se dois tipos de empreendimentos: fábricas e fabriquetas de fundo de quintal.

As novas fábricas de cutelaria são estabelecimentos com uma marca registrada, que têm mais de um trabalhador, sob o comando do dono do empreendimento, cuja posição de chefia estava no domínio da técnica de cutelaria e no capital investido. Por outro lado, as fabriquetas de fundo de quintal são estabelecimentos que não têm marca registrada e, geralmente, têm um único trabalhador, que é o dono do empreendimento.

Nesse período, enquanto as novas empresas do distrito se consolidam, ganhando reconhecimento regional com suas marcas, as antigas fábricas conhecem transformações tecnológicas e organizacionais. O sucesso de tais mudanças suscitou a adoção das mesmas medidas por parte das novas empresas do distrito. Com isso, a partir da década de 1990, ocorre um progressivo movimento de transformações no conjunto das empresas do distrito em questão.

Podemos distinguir mudanças internas (organizacionais e produtivas) e externas (localização de mercados e insumos) no conjunto das empresas. No primeiro caso, entre as mudanças organizacionais, destacam-se: (a) verticalização das relações entre patrão e empregados – o primeiro agora se dedica exclusivamente à gerência; (b) utilização de serviços especializados em administração, informação e publicidade; e (c) divisão das empresas em dois grandes setores, o setor administrativo e o setor produtivo;

Ainda sobre as mudanças internas, porém com o enfoque no processo produtivo, destacam-se: (a) introdução de maior quantidade de capital fixo; (b) fragmentação do processo em etapas; (c) diversificação das mercadorias – produção de novos artefatos de cutelaria, introdução de outros materiais empregados na produção das mercadorias e mudanças no design dos produtos.

As transformações classificadas anteriormente como externas, evidentemente associadas às mudanças internas, dizem respeito aos fluxos referentes às formas em análise. Percebe-se uma progressiva ampliação do alcance desses fluxos: os mercados se estendem a outros estados e países, assim como o abastecimento de matérias-primas deixa de ser feito apenas localmente.

Aquilo que surge como novo na região do distrito a partir do final do século XIX, mas com um caráter arcaico com relação à data de origem da técnica, se integra em relações sociais modernizadas na década de 1990 com a introdução de novas tecnologias no processo produtivo. Com isso, as antigas cutelarias próximas da produção artesanal transformam-se em cutelarias industriais. Segundo Lefebvre (1978, p. 64), a conservação do arcaico é relativa, visto que não exclui possíveis influências, interações e degenerações provocadas pelos conjuntos recentes.

Finalmente, podemos afirmar que o fenômeno de concentração industrial observado no distrito de Arroio Grande é gerado a partir da dinâmica de funcionamento de elementos localizados na própria região. Não houve a incorporação de elementos externos (novas fábricas) ao arranjo espacial da região do distrito, mas a formação destes a partir de um fenômeno subjacente: a difusão da técnica de cutelaria durante o processo de trabalho.

### **Difusão da técnica e arranjos no processo de trabalho**

Em uma comunicação apresentada ao 2º Congresso Brasileiro de Geógrafos, da AGB, em julho de 1965 no Rio de Janeiro, o geógrafo Armen Mamigonian discute alguns aspectos metodológicos referentes à localização industrial no Brasil. Ele defende que a localização industrial no país é um reflexo dos impactos da industrialização espontânea, ocorrida do século XIX até 1930 – sobretudo nas áreas de imigração europeia:

A industrialização é uma parte decorrente de um fenômeno de “bola-de-neve” (*indústria atrai indústria*), que responde 1) à multiplicação da mesma produção como decorrência da imitação facilitada de um sucesso pioneiro [...], 2) à necessidade de integração descendente e ascendente, com atração ao redor de um polo inicial de várias produções integradas [...] e 3) ao aparecimento de novos ramos por pura e simples multiplicação financeira [...] etc. (Mamigonian, 1976, p. 84-85, grifos do original).

A expansão das fábricas de cutelaria no distrito de Arroio Grande – Santa Maria/RS parece corresponder ao fenômeno de multiplicação da mesma produção a partir da imitação de um sucesso pioneiro, descrito por Mamigonian (1976). Todavia, no caso em questão, esse fenômeno parece ter contornos diferentes, que merecem ser analisados.

No referido distrito, as novas fábricas foram criadas a partir de antigos trabalhadores das primeiras cutelarias lá localizadas. Após dominarem a técnica de cutelaria, tais trabalhadores deixaram seu emprego nas antigas empresas para montarem seus próprios empreendimentos. Nesse sentido, é possível perceber uma espécie de difusão da técnica entre os trabalhadores, simultaneamente à realização do processo produtivo, no interior das fábricas.

Conforme Milton Santos (1979, p. 42), a difusão de objetos no espaço<sup>9</sup> ocorre a partir de dois movimentos: realocização e expansão. Além disso, segundo o autor, considerando-se a origem dos objetos é possível falar de expansão interna e de expansão internacional (Santos, 1979, p. 43). No caso em análise, o objeto em questão a ser difundido pelo espaço é a técnica de cutelaria, cujo comportamento parece se aproximar do apresentado por uma difusão de expansão interna.

A difusão da técnica de cutelaria, no distrito de Arroio Grande – Santa Maria-RS, só pode ser constatada analisando as características do processo produtivo dos estabelecimentos fabris. Desde os anos iniciais de implantação das empresas até as décadas de 1970-80, observa-se que cada trabalhador era encarregado da confecção de uma mesma peça, passando por todas as etapas correspondentes à produção desta.

Juntamente a isso, devido às peculiaridades da arte de cutelaria, é necessário destacar outro elemento fundamental para a realização da difusão da técnica: a aprendizagem no ambiente de produção. O contato entre os trabalhadores que dominavam a técnica de cutelaria e aqueles novos trabalhadores, ainda inexperientes, estabelecia uma relação entre emissores e receptores desta. Assim, podemos perceber como, durante o processo de trabalho, o ambiente de produção tornou-se o local da difusão da técnica.

Desse modo, a mão de obra formada durante o referido período, nas fábricas do distrito, acabava por ter o completo domínio da técnica de cutelaria. A difusão da técnica, contudo, só pôde resultar na expansão dos empreendimentos de cutelaria pela existência de um fator locacional que passou a ser valorizado ao longo do tempo: o nicho de mercado de facas artesanais produzidas no Rio Grande do Sul.

Esse contexto possibilitou que alguns trabalhadores das antigas fábricas do distrito deixassem seu emprego para montar seus próprios empreendimentos: fábricas e fabriquetas de cutelaria.

A continuidade deste processo de expansão e concentração das indústrias, no distrito em questão, se transforma com a introdução da tecnologia e a reorganização do processo produtivo, a partir da década de 1990. A tecnologia e a divisão da produção em etapas tornam o trabalho parcelado e, por isso, a difusão da técnica é impedida de acontecer de maneira integral. A perda do domínio das técnicas do conjunto das etapas de produção resulta em obstáculos maiores para que os trabalhadores montem seu próprio negócio.

## Considerações finais

Até aqui, (a) caracterizaram-se o distrito e a aglomeração industrial e (b) retornou-se ao passado para datar a origem dos elementos em tela. Cabe agora, portanto, num movimento de progressão, “[...] regresar a lo actual precedentemente descrito, para reencontrar lo presente, pero elucidado y comprendido: explicado” (Lefebvre, 1978, p. 71).

<sup>9</sup> As discussões referentes à introdução da categoria tempo nos estudos geográficos estão presentes em diversas obras do geógrafo Milton Santos. Todavia, para uma leitura crítica acerca da problemática que envolve os estudos de difusão, recomendamos a leitura de Santos (1979).

Inicialmente, ressalte-se que a origem da cutelaria na região do distrito de Arroio Grande foi condicionada por determinados fatores locais, entre os quais podemos destacar: a proximidade do mercado e a presença das matérias-primas e das estruturas de circulação. Por sua vez, a multiplicação e a concentração das fábricas na região se devem sobretudo a duas outras variáveis: a ampliação do mercado de facas artesanais e a difusão da técnica de cutelaria no processo de trabalho.

Com as modernizações incorporadas a partir da década de 1990 nas fábricas do distrito, que resultam no parcelamento do processo de produção, a difusão da técnica deixa de ser integral, e chega ao fim o fenômeno que multiplicava os empreendimentos: as fábricas existentes sofrem mudanças tecnológicas e organizacionais e ampliam seu raio de atuação.

Embora as modernizações transformem significativamente o processo produtivo, elas não destroem completamente a artesanidade da produção nas fábricas do distrito. Esse arcaísmo se mantém por meio de um processo produtivo que mescla o uso da máquina e com a forma artesanal. Esses resquícios de artesanidade podem ser percebidos na personalização e no acabamento dos artigos de cutelaria e de peças como cabos, bainhas etc.

Para as empresas do distrito, produzir mercadorias personalizadas e com certa artesanidade é uma estratégia para aproveitar um nicho de mercado existente no Rio Grande do Sul. É assim que as empresas do distrito têm lugar no mercado, sem enfrentar a concorrência de grandes indústrias, com produção em massa de artigos de cutelaria no país. Mesmo que estas últimas ofereçam mercadorias a preços mais baixos, a estratégia das fábricas do distrito de combinar qualidade e personalização dos produtos tem se mostrado eficaz, uma vez que percebemos uma constante ampliação de seu mercado.

A tendência percebida, portanto, é a de consolidação dessa característica, tendo em vista a ampliação e a abertura dos mercados que se deve à valorização da procedência das mercadorias, assim como a partir da ocupação de outras porções do território nacional, além de outros países, por migrantes de origem gaúcha.

Com esse pano de fundo, muito embora se tenha a variável mais importante da multiplicação das fábricas em Arroio Grande – a difusão da técnica –, não se exclui a possibilidade de que novos empreendimentos surjam na região. Duas novas possibilidades se abrem: (1) trabalhadores empregados nas fábricas do distrito anteriores à fragmentação do processo produtivo podem ainda montar seu próprio empreendimento – por ter completo domínio da técnica de cutelaria; e (2) capitais exteriores ao distrito podem investir no local, se se interessarem pela crescente valorização das mercadorias produzidas na região de Arroio Grande e pelo nicho de mercado de facas artesanais, em expansão.

Entendemos ainda que, ao lado das variáveis dadas aqui como fundamentais na concentração das indústrias no distrito, pode haver outras que também concorram para tal. Conforme Santos (1985), uma análise que integre espaço e tempo deve ter em conta o conjunto das variáveis e suas interações, pois um elemento não evolui sozinho, sem arrastar os demais em seu movimento. Assim, o fenômeno analisado decorre da conjugação dos fatores relatados, aliados às dinâmicas do espaço geográfico em suas diferentes articulações escalares.

Finalmente, acreditamos que o presente estudo pode servir como base para a configuração de um esquema explicativo a ser cotejado com outros setores produtivos que apresentem características similares.

## Referências

- AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DE SANTA MARIA. *Santa Maria em dados*. Disponível em: <<http://santamariaemdados.com.br/>>. Acesso em: 6 ago. 2012.
- BEBER, C. C. *Santa Maria 200 anos: história da economia do município*. Santa Maria: Pallotti, 1998.
- BIANCHINI, G. N. *A dinâmica da mudança em uma empresa familiar: o caso das facas coqueiro*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.
- BRAGA, R. M. Tendências e perspectivas das teorias locacionais no capitalismo contemporâneo. *Geografares*, Vitória: UFES, n. 6, p. 167-179, 2008.
- CORRÊA, R. L. *O enfoque locacional na geografia*. *Terra Livre*, São Paulo: AGB, n. 1, p. 62-66, 1986.
- FERRARI, C. *Curso de Planejamento Municipal Integrado*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1986.
- FERRO, T. L. M. *O setor primário de Santa Maria na perspectiva do rural: a reestruturação das atividades produtivas*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Dados demográficos*, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- LAUSUÉN, J. R. Generalizações em torno da noção de polo de crescimento. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro: IBGE, n. 238, p. 18-35, 1974.
- LEFEBVRE, H. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1978.
- LUTHER, A. *Reconfiguração do território: transformações socioambientais em Arroio Grande/Santa Maria-RS*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- MAMIGONIAN, A. Localização industrial no Brasil: notas metodológicas e exemplos. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo: AGB, n. 51, p. 83-86, 1976.
- MANZAGOL, C. *Lógica do espaço industrial*. São Paulo: Difel, 1985.
- MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Hucitec, 1979.